

CYNTHIA OZICK

Corpos estranhos

Tradução
Sonia Moreira



Copyright © 2010 by Cynthia Ozick
Proibida a venda em Portugal.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original
Foreign Bodies

Capa
warrakloureiro

Foto de capa
Hulton Collection

Preparação
Ciça Caropreso

Revisão
Renata Lopes Del Nero
Luciana Baraldi

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ozick, Cynthia
Corpos estranhos / Cynthia Ozick; tradução Sonia Moreira. —
1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

Título original: Foreign Bodies.

ISBN 978-85-359-2225-7

1. Ficção norte-americana I. Título.

13-00030

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura norte-americana 813

[2013]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORAS SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

1.

23 de julho de 1952

Caro Marvin,

Bem, já estou de volta. Em Londres foi bom, em Paris foi terrível e nunca cheguei a ir a Roma. Dizem que há anos a Europa não tem um verão tão quente como este, desde antes da guerra. Infelizmente, afora as condições climáticas, eu não tenho muito mais a relatar. O endereço que você me deu, o Julian não mora mais lá há mais ou menos uma semana. Parece que eu me desencontrei dele por questão de dias. Você não teria aprovado o lugar, uma casa de cômodos num bairro decrépito nos confins da cidade. Fiz tudo que pude para encontrá-lo, fui a todos os lugares onde você disse que ele poderia estar trabalhando, e nada. A senhoria, quando eu perguntei, não soube me dar nenhuma pista do paradeiro dele. A única informação nova que depreendi do que ela disse foi que, ao que parece, ele tem uma namorada. Ele levou tudo o que tinha de lá, o que aparentemente não era muita coisa.

Estou mandando seu cheque de volta. A julgar pela aparência do lugar onde seu filho estava morando, os quinhentos dólares certamente teriam vindo a calhar. Lamento não ter conseguido ajudar mais. Espero que você e (em especial) a Margaret estejam bem.

Um abraço,
Beatrice

2.

No início da década de 50 do século passado, uma violenta onda de calor assaltou a Europa. Veio subindo, asfixiante, da Sicília, onde crestou metade da ilha até deixá-la cor de ferrugem, e chegou a Malmö, na ponta inferior da Suécia; mas o lugar em que o calor ardia com mais fúria era na cidade de Paris. Um vapor quente e sibilante subia dos círculos molhados deixados por taças de vinho nas mesas de aço dos cafés ao ar livre. No céu baixo, uma fornalha incandescente soltava lufadas escaldantes, ou então era um gêiser que, tendo se soltado do núcleo do sol, despejava lava fervente nos telhados e nas calçadas. As pessoas faziam uma e outra comparação — às vezes era a fornalha, às vezes o gêiser, e volta e meia se dizia que aquele calor terrível era uma malignidade generalizada, um resquício da guerra recente, como se o próprio continente tivesse se transformado numa região do inferno.

Naquela época, havia estrangeiros por todos os cantos de Paris, sofrendo junto com a população nativa, secando os fios de suor que lhes escorriam do pescoço, reclamando igualmente

de se sentir sufocados; mas, tirando isso, eles não tinham nada em comum com os parisienses nem, aliás, uns com os outros. Esses estrangeiros se dividiam em dois grupos: um vigoroso, ambicioso, animado e dado a beber; o outro apagado, briguento, triste — uma tropa de fantasmas instáveis vagando pela cidade.

O primeiro almejava evocar o passado: era uma espécie de teatro deslumbrado. Compunha-se majoritariamente de jovens americanos na faixa dos vinte ou trinta anos que se autodenominavam “expatriados”, embora fossem pouco mais que turistas literários fazendo uma longa visita, inebriados com lendas de Hemingway e Gertrude Stein. Eles se reuniam nos cafés para fofocar, falar mal dos outros, saborear as velhas histórias da geração perdida e desdenhar do que tinham deixado para trás. Trocavam entre si amantes de ambos os性os, brincavam de existencialistas, fundavam jornais de vanguarda em que publicavam os textos uns dos outros, vangloriavam-se de ter visto Sartre no *Les Deux Magots* e tinham uma plena, orgulhosa e implacável consciência de sua própria juventude. Diferentemente da leva anterior de expatriados, que haviam crescido e voltado para casa, estes pretendiam continuar jovens para sempre em Paris. Formavam uma pequena cidade de reluzentes testas brancas, mas seus dentes eram manchados por causa do excesso de uísque e vinho que consumiam e dos cigarros franceses fortes que fumavam sem parar. Só falavam inglês americano. O francês deles era ruim.

O outro contingente estrangeiro — os fantasmas — era poliglota. Matraqueavam em dezenas de línguas. De suas bocas saíam todas as cadências da Europa. Ao contrário dos americanos, eles evitavam lembrar o passado e não tinham um pingo de nostalgia nem interesse por casos folclóricos, nem anseios de renovação idílica. Eram europeus a quem a Europa havia atacado; traziam a Europa tatuada na pele. Não se poderia dizer deles, como certamente se diria dos americanos, que eram uma corrente migratória

do pós-guerra. Eles não eram do pós-guerra. Embora tivessem desaguado em Paris, a guerra ainda estava neles. Eles eram os desalojados, os temporários, os flutuantes. Paris era apenas uma escala; eles só estavam em Paris para ir embora de Paris assim que soubessem quem estava disposto a recebê-los. Paris era uma cidade onde esperar. Era uma cidade de onde partir.

Beatrice Nightingale não pertencia a nenhum desses grupos. Vinha sendo “Miss Nightingale” (ou “srta. Rouxinol”) — em público — havia vinte quatro anos, mesmo durante o tempo em que fora casada e certamente depois do divórcio, e às vezes até chegava a chamar a si mesma em pensamento por esse nome, ainda que fosse só para evitar o zumbido interno acusador da abelha Bea. *To Bea or not to Bea*: ela fazia parte daquele gênero comicamente reconhecível de mulheres de meia-idade que fazem economia para depois passar ansiadas férias de verão nas capitais mais românticas da Europa. O fato de que essas capitais, depois da guerra, estavam traumatizadas e exauridas, destituídas de todos os seus tão propagandeados encantos, não lhe escapava. Mas ela não era de se deixar abater, era inteligente e não se poderia dizer que fosse inexperiente (o próprio casamento havia lhe ensinado algumas coisas). Tinha quarenta e oito anos, afinal, estava só levemente grisalha e era rigorosa com seus alunos, garotos do curso secundário que sinalizavam sua rebeldia usando topetes e que riam de Wordsworth e ridicularizavam Keats: quando chegavam a “Ode to a Nightingale”, ode a um rouxinol, faziam questão de dar gritinhos debochados e lançar olhares maliciosos. Mas ela sabia como domá-los. Era boa no que fazia e não sentia vergonha de sua profissão. E, mesmo depois de duas décadas de magistério, ainda não tinha perdido a motivação.

Fizera planos para ir a Londres, Paris e Roma, mas acabou desistindo de ir a Roma (apesar de a cidade estar incluída no pacote da agência de viagens) quando leu, em seu quarto de

hotel quente e barulhento numa transversal da Piccadilly, sobre as perigosas temperaturas que vinham sendo registradas no sul. Em Londres estava quase suportável se você se esforçasse para se manter à sombra, mas em Paris estava um horror, e em Roma com certeza estaria um inferno. “Aquele gênero comicamente reconhecível” — foram as palavras zombeteiras que dissera a si mesma (viajando sozinha, ela não tinha ninguém a quem pudesse dizê-las), muito embora provavelmente fossem palavras repetidas de algum guia de viagem metido a engracadinho, do tipo que faz pouco de seus próprios leitores. Um guia mais consciencioso, o que estava enfiado na espaçosa bolsa de Bea — junto com passaporte, bloco de notas, máquina fotográfica, lenços de papel, cartela de aspirina e outros que tais —, não era engracadinho. Era cuidadoso ao extremo, e se você seguisse obedientemente sua cartografia quase sacerdotal, terminaria a viagem com sua cultura engrandecida por pinturas, esculturas e praças públicas históricas que recendiam a antigas decapitações.

Naquele dia de julho, a página que ela estava consultando no guia não tinha monets nem gauguins nem *châteaux* que justificassem excursões de um dia inteiro. Trazia o título “Cafés de bairro”. Bea passara a tarde inteira indo de café em café à procura do sobrinho. Uma mancha gordurosa turvava sua visão — era como se suas córneas estivessem derretendo — e seu coração ou batia rápido demais ou parecia querer parar por completo, dando pontadinhas de vez em quando para lembrar que existia. As calçadas e as paredes dos edifícios emitiam vibrações tórridas. Paris estava subsaariana, e Bea estava sendo cozinhada num imenso caldeirão equatorial. Desabando numa cadeira de vime diante de uma mesa redonda fumegante, pediu um suco gelado e ali ficou, arfando, apenas parcialmente recuperada, a vista embaçada fixa no rapaz que vinha trazendo o suco. O sobrinho dela trabalhava como garçom num daqueles estabelecimentos

que se espalhavam pelas calçadas, isso pelo menos ela sabia. Era difícil pensar nele como sobrinho: ele era filho de seu irmão, era alguém remoto demais, tão incerto para ela quanto um boato. Marvin havia lhe mandado uma fotografia: um rapaz de seus vinte anos, cabelo cor de palha, expressão indefinida. Como distinguí-lo dos outros rapazes idênticos, com seus aventais brancos respingados de vinho amarrados em volta de suas cinturas finas? Ela supunha poder identificá-lo assim que ele abrisse a boca e se revelasse um americano; só o que ela tinha a fazer era perguntar a todos os prováveis rapazes de cabelo cor de palha que encontrasse: Desculpe, você é o Julian?

— *Pardon?*

— Eu estou procurando Julian Nachtigall, da Califórnia. Você conhece? Ele trabalha aqui?

— *Pardon?*

— *Un Américain. Julian. Un garçon. Est-il ici?*

— *Non, madame.*

Não era possível que não houvesse uma maneira mais eficiente de encontrá-lo. Marvin escrevera, com aquela sua letra enorme e imponente e tão espalhafatosa quanto seu imponente vozeirão, o endereço exato do filho. Bea já tinha ido lá três vezes até agora, três vezes havia subido a decrépita escada da frente da casa de cômodos marrom naquele bairro marrom e decrépito que seu meticoloso guia só mencionava para aconselhar os leitores a não botarem os pés lá. Uma senhoria ossuda surgiu de trás de uma porta no alto da escada; o garoto, disse ela, numa fala tão caótica quanto seus dentes, morava no andar de cima, subindo um lance de escada, só que não, ele não estava em casa, já fazia quatro dias que ele não estava em casa. *Oui, certainement*, ele trabalhava num café, para que mais um garoto como aquele servia? Pelo menos ela tinha conseguido arrancar o aluguel dele. *Dieu merci*, ele tem um pai rico lá no país dele.

Então! Uma busca inútil, totalmente inútil, que a estava fazendo perder um tempo precioso de suas férias, e tudo para agradar Marvin, para *atender* Marvin, que — depois de anos de críticas, de repúdio, de uma hostilidade que quase parecia ódio — tinha resolvido de repente apelar para os laços familiares. Aquela busca infrutífera, e o calor assassino. Europa atrasada, onde você precisava perguntar explícita e grosseiramente pelo toalete* sempre que queria ir ao banheiro, e onde parecia que ar-condicionado era uma coisa que simplesmente não existia em lugar nenhum, *nenhum* — em Nova York, onde ela morava, havia ar-condicionado em todos os lugares, nós estamos no meio do século xx, santo Deus! O guia de viagem não demonstrava um pingo de consideração pela bexiga do turista e, com sua fervorosa preocupação com os legados das diversas eras, nem cogitava uma pausa para tomar fôlego. Recomendava pequenas boutiques com um quê exótico e antigo em bairros da moda — se você quer coisas ao estilo americano, censurava o guia, então fique na América. Mas ela já estava cansada de coisas pequenas com um quê exótico e antigo, de modas que custavam os olhos da cara e, principalmente, cansada daquela perambulação asinina de café em café: o que ela precisava era de ar-condicionado e de um banheiro, e urgentemente. Foi andando em meio ao miasma sufocante do fim da tarde e, quando se viu diante de um edifício alto e cinzento com um friso entalhado acima de duas portas majestosas, supôs por um momento que fosse mais um local histórico com laivos de Richelieu. Mas havia letras na pedra: GRAND MAGASIN LUXOR. Uma loja de departamentos! O ar frio soprou na direção dela com seu familiar hábito salvador. O banheiro feminino era exatamente como o que ela poderia ter encontrado, digamos, na

* Nos Estados Unidos, a palavra *toilet* costuma ser mais usada no sentido de vaso sanitário. (N. T.)

Bloomingdale's, todo espelhos e pias de mármore. Chame de estilo americano se quiser, condene-o por sua imitação bárbara, Luís XIII do lado de fora, Nova York do lado de dentro, mas o lugar era revigorante.

O banheiro feminino dava num corredor que levava a algo que talvez fosse um restaurante, embora parecesse mais uma movimentada cafeteria da Broadway, onde os fregueses comiam cercados por seus embrulhos e sacolas de compras recém-feitas. O teto estava coberto de fumaça; todas aquelas pessoas fumavam seus cigarros com afínco. Ela procurou um lugar para sentar. Todas as mesas estavam ocupadas. Então, avistou um lugar vazio numa mesa repleta de pires sujos de cinza de cigarro, ocupada por três homens barulhentos e uma mulher.

Pôs a mão no encosto da cadeira vazia. “Será que eu posso me sentar aqui um instante?”

A mulher encolheu os ombros como quem diz “Faça o que quiser, que me importa?”. Impossível saber se ela entendia inglês ou se o gesto de segurar a cadeira já tinha bastado. Os homens continuaram o que parecia ser uma discussão. Ali não havia nenhuma pilha de sacolas transbordantes: ao que parecia, aquele ardente grupinho, como a própria Bea, não tinha nenhum outro motivo para estar ali a não ser o de se refugiar da frigideira das ruas. Odores de ovo e café por toda parte. Línguas flutuantes de perfume: uma manequim que ia passando, fluida e imponente, incrivelmente alta, pés inacreditavelmente compridos, uma cascata de roupas de seda pendendo de um braço longilíneo, seios inexistentes, olhos de vidro, boca vermelho-Matisse, queixo perfeito, pernas perfeitas, cabelo duro de laquê perfeito, o próprio modelo da modelo parisiense, espalhando rastros de fragrância. Os homens de olhos arregalados, como se estivessem vendo um tigre selvagem num lugar que cheirava a comida. “*Imbélices*”, resmungou a mulher; essas sílabas, dirigidas a Bea, foram pronunciadas com

um sotaque áspero, indiscutível. O sotaque combinava com a aparência hostil da mulher: hirsutos cachos negros brotando de uma cabeça indignada. O quimérico robô vivo se foi e os homens retomaram sua discussão — se é que era uma discussão. A língua que eles falavam era francês e não era francês, tinha a sonoridade de meia dúzia de línguas ao mesmo tempo: Europa embaralhada. Uma discussão, um protesto, um lamento, um grunhido de resignação? Afundando na cadeira, Bea mergulhou no claro alívio de se deixar estar ali parada, emanando calor — podia quase pegar no sono ao som daquelas enigmáticas vozes contenciosas agitando-se como plantas debaixo d'água na margem longínqua de sua fadiga. A caminhada mortal de volta ao hotel ainda pela frente. E aquelas pessoas, quem eram? De onde vinham? Maltrapilhas e passageiras demais para serem cidadãs comuns. Elas não se encaixavam ali, estavam fora do lugar e fora de órbita. Penduravam o cigarro nos lábios só para deixar o tempo passar. A mulher, com aqueles caracóis impacientes e furiosos encapelando-se em volta de um rosto manchado, se levantou e foi puxada de volta para baixo por um dos homens. Ela se levantou de novo, para ir aonde? De onde eles tinham vindo? Para onde poderiam ir?

Bea os deixou por fim. Tinha visto pessoas como aquelas espalhadas por toda Paris.

Foi tentar, pela última vez, encontrar o filho de Marvin. A senhoria de dentes tortos se materializou como antes, só que agora com chinelo de pano nos pés, um esfregão molhado na mão e um enorme trapo enrolado em volta da cintura. Estava lavando a escada. O garoto tinha ido embora, fazia dois dias que tinha ido embora para sempre com a mochila dele e uma garota para ajudar a arrastar aquele saco de lona dele aqui para fora. O que é que ele carrega naquele saco? Barras de ferro? O quarto era dele mais uma semana ainda, de qualquer forma era uma bênção ele não estar devendo nada, aquele garoto inútil, por

causa do pai na América. A garota? Uma moça morena muito calada, talvez árabe ou cigana.

— Como eu vou saber para onde ele foi? Ele não me disse. Por que ele iria me dizer?

— Eu preciso falar com ele. Sou tia dele.

— Que azar o seu, um garoto como aquele. Os meus dois sobrinhos, eles têm empregos de verdade, não um dia aqui, outro ali, um patrão diferente toda hora. Vai ver ele foi morar com ela, com a moça, que não é nova que nem ele, não, já tem um vinco entre os olhos, é isso que eles fazem, depois de um tempo vão morar com elas. Se quiser olhar lá em cima, pode olhar, só toma cuidado com os degraus, que está tudo molhado ainda. Eu mesma fui lá olhar, para ver se não tinha nada quebrado. Um ou dois pregos na parede eu não me importo, para pendurar um quadro ou coisa assim.

— Bem, mas ele deixou alguma coisa aqui?

— Eu achei isto lá em cima, pode ficar com ele, se quiser, não tem utilidade para mim.

A senhoria lhe estendeu um livro surrado.

No táxi que tomou para voltar ao hotel, Bea examinou o livro. Parecia um dicionário: uma língua indecifrável ao lado de uma coluna de palavras em francês. Não havia nenhum nome identificando o dono nem anotação alguma. Era velho, as folhas frágeis e despencadas. Não fazia sentido guardar aquilo; então, ao pagar o motorista e saltar do táxi, ela abandonou o livro no banco.

No dia seguinte, foi ao Louvre e, durante o resto da semana, até onde seu dinheiro e o tempo assassino permitiram, seguiu as indicações de seu guia, indo conhecer lugares célebres e glórias passadas. Depois, voltou para casa, para o seu quarto e sala na rua 89 Oeste, onde um volumoso ar-condicionado encobria metade de uma janela e vibrava feito um tambor gasto. E onde *to Bea or not to Bea* era sempre a questão.

3.

28 de julho de 1952

Cara Bea,

Você se desencontrou dele? Você estava em Paris, você sabia exatamente onde ele estava morando, tinha uma razoável noção de onde ele poderia estar trabalhando e sabia que eu contava com você. E o que eu recebo em troca? Um boletim meteorológico! Os meus negócios, como você sabe, têm me mantido assoberbado ultimamente, não existe a menor hipótese de eu arranjar tempo para ir até lá, a minha irmã tira férias, não pensa em mais nada a não ser no próprio prazer e me deixa na mão. A verdade é que você simplesmente não se esforçou o bastante. Sei muito bem que você não conhece o Julian, mas, se não tem um pingo de sentimento familiar, por que não tem ao menos um pouco de responsabilidade familiar?

Você menciona, meio de passagem, uma namorada. O Julian tem vinte e três anos. Ficar enredado com uma garota lá, nessa idade, não é o que eu tenho em mente para o meu

filho. Você entende que a Margaret iria se fosse viável, mas, como você sabe, ela é meio neurastênica e claramente não tem condições de viajar sozinha. Lógico que estamos os dois muito angustiados com essa situação, a Margaret mais ainda que eu. O fato de nós às vezes nem sequer sabermos onde o Julian está, já que ele raramente escreve, é insuportável para ela. Eu reconheço que ele está naquela fase de fazer experiências típica da geração dele; eles querem experimentar isso, experimentar aquilo e, se for algo meio errado, então, aí é que eles querem mesmo. O problema com esses garotos é que eles não tiveram o treinamento militar para prepará-los para a dureza da vida, não que eu não fique contente por ele ter sido poupadão do que eu vi no Pacífico. E, considerando que passei por isso como um capitão de corveta acima da idade, não foi muito fácil para mim também, não. O Julian sempre foi um garoto teimoso, e acho que fomos permissivos com ele. Ou talvez não — não há nada fora do normal em passar o penúltimo ano da faculdade no exterior, a garotada toda faz isso hoje em dia. Um ano com os malucos de Paris, tudo bem, mas já se passaram três e ele não dá nem sinal de estar pensando em voltar para terminar a faculdade. Posso lhe garantir que nunca passou pela minha cabeça nem pela da Margaret que ele pudesse querer abandonar os estudos! Como um ex-aluno que fez contribuições substanciais para sua universidade, eu me sinto envergonhado. Não havia nenhum indício de que ele fosse fazer isso, nem com todas aquelas coisas doidas que ele andava lendo, Camus e sei lá mais o quê, uma perda de tempo para um estudante de ciências. Ou de história da ciência, que seja, a parte mais mansa — ele não tem cabeça para a coisa para valer. A Iris é que tem, ela saiu a mim, uma cabeça sensata sobre os ombros e uma boa cabeça para qui-

mica também — já está na metade do doutorado, na verdade. Imagino que ela vá fazer também um bom casamento, um casamento inteligente. A gente nunca sabe o caminho que os genes tomam, mas às vezes acho que tem um pouco de você no Julian, e Deus sabe que eu não posso aceitar que ele acabe se metendo num mau casamento, muito menos dando aula para um bando de grosseirões cuja grande ambição é trabalhar numa oficina mecânica.

Quanto às quinhentas pratas, você dá a entender que esse dinheiro seria para tirá-lo do cortiço onde ele estava morando e ele pudesse ir para um lugar melhor. Mas não! Eu imagino muito bem o tipo de roupa sebenta que ele usa por lá, e de fato falei em dar uma melhorada na aparência dele, fazê-lo vestir algo respeitável, uma camisa social e um paletó de verdade, não importava quanto custasse, mas eu também disse a você explicitamente que queria o meu filho fora de lá, fora da Europa, fora da imundície daquele lugar e de volta para casa, para a América, que é o lugar dele. Ele se queixa de que eu e a mãe o manipulamos — seja lá o que for que ele queira dizer com isso —, mas, se tem alguém manipulando alguém, é ele, é o Julian que está nos manipulando. Ele só entra em contato comigo quando está de bolso vazio. Fora isso, as poucas cartas que ele escreve são sempre para a Iris. Eles eram muito apegados, esses dois, feito unha e carne, muito embora, com os três anos de diferença que há entre eles, e o Julian com a cabeça sempre nas nuvens, eu nunca tenha achado que eles tivessem muita coisa em comum.

Mas se tem alguém que pode descobrir o que está se passando na cabeça do Julian, é a irmã. Ninguém sabe o que ele escreve para ela — ela lê as cartas dele e depois as cartas desaparecem. Se você pergunta, ela diz que ele está bem, que ele está ótimo, que está fazendo um curso de sei

lá o quê, que arranjou um emprego — e o que se verifica é que o emprego dele é limpar mesas.

Bem, aqui vai a minha ideia, e desta vez espero que você não me decepcione. Assim que soubermos onde ele está, eu quero que você tire uma ou duas semanas de licença, volte lá e traga o garoto para casa. Eu não quero saber como você vai fazer isso. Faça a mesma coisa que você faz para obrigar os seus garotos mecânicos a engolirem aquelas rimas infantis que você vive enfiando goela abaixo deles. Você parece acreditar que é boa nisso. Se for preciso suborná-lo — quero dizer com \$\$\$ —, então suborne, mas dê um jeito de trazê-lo de volta pelo menos para Nova York. Ele não vai querer voltar para cá, para perto da família, pelo menos não de imediato. Desconfio que ele vá ficar bem acabrunhado. A Iris está sempre com aquele sorrisinho satisfeito dela, mas o Julian é um mal-humorado. E que motivo ele tem para viver amuado?, eu pergunto. Ele sempre fez o que quis. Quando você descer do avião em Idlewild, eu quero que você o leve para a sua casa, fique com ele aí uns dois ou três dias e tente acalmá-lo. Eu não digo que ele não vá ficar ressentido, mas se você consegue lidar com os broncos dos seus alunos, vai conseguir lidar com um garoto como o Julian. Fale sobre livros, ele vai gostar disso.

Mas isso é só uma parte da minha ideia. Não pense que eu acho que vai ser moleza arrancá-lo de Paris. Ele já se acomodou ao estilo de vida de lá — a Iris diz que às vezes ele até escreve parte das cartas que manda para ela em francês. Eu não sou tão idiota a ponto de achar que uma tia que ele nunca conheceu na vida e que aparece de repente na frente dele vá se tornar uma grande influência de uma hora para outra. Você precisa conhecer o Julian, tentar entendê-lo, não que eu tenha conseguido. Eu não consigo me

entender com ele, essa é que é a verdade, e a Margaret... a Margaret está cansada demais. Tem dias que ela está tão cansada que não consegue nem pensar no Julian, em quanto tempo ele já está longe de casa.

Então, a Iris é a pessoa certa para isso. Eu vou mandá-la para aí na semana que vem, para ajudar você a se familiarizar com o Julian, para ela fazer um *briefing* dele, como se diz na linguagem militar. Eu devia ter providenciado algo assim antes de você ir para aquela sua viagem de férias. Mas, também, quando eu soube que você ia viajar já era tarde demais para fazer qualquer outra coisa além de lhe mandar o cheque. Você precisa entrar em contato com mais frequência. Quando eu penso em como a Iris e o Julian são próximos um do outro é que eu percebo o quanto a minha irmã tem sido desnaturalizada. Desde que a mamãe e o papai morreram (dezoito anos desde a morte da mamãe e dez desde a do papai), o que é que eu sei da sua vida? Que você passou maus bocados com um sujeito que tocava oboé, ou sei lá que instrumento era, e mais nada. O avião da Iris está previsto para chegar ao aeroporto de LaGuardia às 16:10 da quinta-feira. Ela vai passar o fim de semana aí e volta na segunda-feira — ela tem laboratório na terça, às nove da manhã.

Do seu irmão,
Marvin

31 de julho de 1952

Caro Marvin,

Estou ansiosa para conhecer a sua filha. Por sorte, não tenho planos de passar o fim de semana fora, como às vezes eu faço durante o verão, e estarei livre para recebê-la. Acho

que ela não tinha mais do que dois ou três anos na única vez em que a vi. É ótimo que a Iris entenda tão bem o Julian — ela com certeza seria uma emissária muito melhor do que eu, então por que não? Sinto dizer que acho que você está sendo um pouco autoritário quando supõe que eu possa simplesmente me mandar para Paris de novo assim que você ordenar. Eu tenho um emprego, sabe, quer você o respeite ou não.

Um abraço,

Bea

3 de agosto de 1952

Bea:

Não venha me falar do seu pretenso emprego. Ninguém nem vai dar pela sua falta. Você faz o que faz e é o que é porque nunca teve garra para ser qualquer outra coisa. A Iris, como eu falei, está fazendo doutorado, está estudando ciências de verdade, a coisa para valer. Ela é ambiciosa, está no caminho certo e nunca abandona as coisas pela metade. É você que eu quero lá, já expliquei por quê. Você pode perfeitamente arranjar tempo — arrume uma daquelas professoras substitutas com o sindicato ou qualquer outra coisa assim. Como eu disse, assim que soubermos onde o Julian está, eu aviso. Enquanto isso, a Iris vai lhe passar as informações.

Marvin